

Tabla

GHASSAN

KANAFANI

UMM

SAAD

TRADUÇÃO · MICHEL SLEIMAN

II

INTRODUÇÃO

13

UMM SAAD E A GUERRA QUE TERMINOU

23

ACAMPAMENTO NÃO É TUDO IGUAL!

29

A CHUVA, O HOMEM, A LAMA

35

DENTRO DA ARMADURA

43

QUEM FUGIU E QUEM COMPARECEU

49

A CARTA QUE CHEGOU TRINTA E DOIS ANOS DEPOIS

59

O VIGIA E SÓ DOIS CONTOS

65

UMM SAAD GANHA UM VÉU NOVO

69

OS FUZIS NO ACAMPAMENTO

Para Umm Saad, povo escola

INTRODUÇÃO

Umm Saad é uma mulher real. Eu a conheço bem, temos um certo parentesco. Ainda a vejo, conversamos e aprendo com ela. Contudo, não é exatamente isso que faz dela uma escola diária, pois o parentesco que nos une é algo fraco se comparado com os laços que a conectam à classe de gente valente, esmagada, pobre e jogada nos acampamentos de miséria nos quais vivi — com ela e por ela, não sei o tanto.

“Aprendemos com as massas e as ensinamos.” No entanto, parece-me certo dizer que ainda não saímos das escolas das massas. O verdadeiro mestre, o perene, é aquele que, na pureza de sua visão, faz da revolução uma parte inseparável do pão e da água, das selas de labuta e das batidas do coração.

Umm Saad me ensinou muito. Eu diria até que cada letra das linhas seguintes foi tirada de seus lábios, permanentemente palestinos, apesar de tudo, e de suas duras mãos que continuam, também apesar de tudo, e por vinte anos, à espera das armas.

No entanto, Umm Saad não é só uma mulher, e, se ela não permanecesse como um corpo, uma mente e uma labuta no coração das massas e no cerne de suas preocupações, como uma parte inextricável de seu dia a dia, não teria sido capaz

de ser o que é. Por isso, ela sempre teve, para mim, a voz daquela classe palestina que pagou caro o preço da derrota.

Classe que agora se encontra sob o teto baixo da miséria e na linha de frente da batalha; que pagou, e continua pagando, mais do que todos.

UMM SAAD E A GUERRA QUE TERMINOU

Era uma manhã miserável. O sol ardia por trás da janela como um círculo pegando fogo sob a cúpula do espaço assustado. E nós encolhidos, como bandeiras dobradas. De repente a vi avançando, lá do começo da rua ladeada por oliveiras. Em meio àquela mistura de espaço, silêncio e tristeza, ela surgia como algo que brotava do útero da terra. Fiquei parado diante da janela, observando-a andar com seu porte alto: parecia uma lança transportada por um poder oculto.

Minha mulher parou a meu lado, também olhando para a rua, e disse:

— É a Umm Saad; ela veio.

Ela veio, como as batidas de um relógio. Essa mulher... sempre vem. Emerge do coração da terra, como se escalasse degraus intermináveis. Enquanto examinávamos seus passos, minha mulher divagou:

— Como será que a Umm Saad se sente agora?

Não sei, pensei comigo mesmo. Eu a estava esperando para ter alguma notícia.

Atrás de nós, amontoavam-se os capacetes destruídos dos soldados que abandonaram a areia, enquanto novas distâncias eram cavadas pelas longas filas de nossos emigrados. Eu escutava os sons da guerra que iam calando os combatentes.

Vinham do rádio na mesa atrás de mim. Sons derrotados, como lamentos de viúvas, recobrimdo com insipidez todas as coisas da sala: a escrivaninha, a cadeira, minha mulher, as crianças, o prato de comida, os sonhos de futuro... removiam a tinta do ambiente. Minha mulher disse:

— A Umm Saad sumiu desde que a guerra começou. E aí está ela, movida pelo ritmo da derrota... Lutaram por ela e, quando perderam, ela perdeu duas vezes. O que será que vai dizer agora? E por que ela vem assim, como se quisesse cuspir na nossa cara? O que será que ela achou do acampamento hoje, quando saiu de lá pela manhã?

As perguntas ficaram no ar, como poeira suspensa. Quase podia vê-las, polidas, afiadas, pontudas como lâminas, flutuando naquele feixe prateado que os raios de sol derramavam no meio da sala, enquanto Umm Saad subia a rua, vindo em nossa direção, carregando a pequena trouxa que sempre traz consigo. Andava altiva, como se fosse uma bandeira hasteada por braços invisíveis.

Umm Saad entrou, e no ambiente se espalhou o cheiro do campo. Ela me parecia a mesma de dez dias atrás. Dez dias apenas, e como as coisas mudam, meu Deus! Como os palácios desmoronam em dez dias! Depositou a trouxa miserável em um canto e a abriu. De dentro, puxou um galho, que parecia estar seco, e o jogou em minha direção.

— Cortei de uma parreira que topei no caminho. Vou plantar o galho aqui, na frente da porta, e em poucos anos você já vai comer uva.

Revirei o galho com os dedos: madeira amarronzada e escura, parecia sem serventia. Perguntei:

— É época disso, Umm Saad?

Ela voltou a amarrar o xale branco em torno da cabeça, como sempre faz quando está ocupada pensando em outra coisa, e respondeu:

— Você não entende nada de parreiras: se tem uma coisa que parreira dispensa é muita água. Muita água estraga... Você pergunta: Como? E eu respondo: A água que ela precisa ela retira da umidade da terra e da umidade do ar. Depois dá uva sem parar.

Eu disse:

— É um pau seco.

— Parece, mas é parreira.

— Não importa...

Ela disse, surpresa:

— Acabou, é?

— É.

— É você que diz.

Virou as costas e foi até a sacada. Fui atrás dela, o passo lento, e lhe perguntei:

— Como estava o acampamento hoje?

Ela se virou e me olhou, e toda a história me apareceu impressa em sua fronte da cor da terra. Em seguida, espalmou as mãos diante de mim.

— A guerra no rádio começou e no rádio acabou, e quando acabou eu me levantei pra quebrar o rádio, mas o Abu Saad tirou ele das minhas mãos. Ai, primo, ai!

Ela se apoiou no guarda-corpo da sacada e se pôs a olhar as plantações de oliveiras fincadas na

colina. Em seguida, fez o gesto de passar a mão por cima delas e disse:

— Também não precisa dar água pra oliveira. Ela suga o que precisa do ventre profundo da terra e da umidade do chão.

Depois, olhou-me e prosseguiu:

— O Saad foi, mas pegaram ele. Dois dias atrás, eu pensava que ele tava lutando, mas hoje de manhã eu soube que ele tá preso, que pena. Eu tava pensando, se ele morre... — e de repente se calou.

— Como você soube que ele foi preso?

— Segunda de manhã, a gente tava ouvindo o rádio, aí ele arrumou as coisas dele, reuniu os companheiros e saíram do acampamento feito uns diabos. E eu te digo: saí atrás dele, peguei um atalho e encontrei ele na saída e fiz ele ouvir meu grito de alegria! Ele riu, riu bastante, até desaparecer da minha vista... Mas que aflição, não chegou, prenderam ele.

— E agora?

— O prefeito foi lá ver. Passou em casa de manhã e me disse: Não precisa ter medo, Umm Saad, vou voltar com ele. Tonto, ele acha que é isso que eu quero... tonto, ele acha que é isso que o Saad quer. Sabe de uma coisa? O prefeito vai voltar esta noite e vai me dizer: Seu filho é o diabo, tirei ele da cadeia, mas ele fugiu de mim pra ir pros lados da montanha atravessar a fronteira...

— Atravessar a fronteira pra onde?

Umm Saad parecia apontar para algum lugar com seu braço. Depois o recolheu, de modo au-

tomático, e passou a dar voltas em torno de si mesma, apontando para todas as coisas. Comecei a avaliar as coisas que ela me indicava com aquele braço moreno: a escrivadinha, a cadeira, as crianças, minha mulher, o prato de comida, eu enfim.

Em um primeiro momento, não acreditei. Parecia que os movimentos do braço sinalizavam alguma coisa mais complexa do que sua mente simples era capaz de alcançar. Então perguntei de novo:

— Atravessar a fronteira pra onde?

E no canto de seus lábios observei um sorriso que eu ainda não tinha visto em seu rosto, mas que desde então passei a ver sempre. A partir daquele instante, aquele sorriso me parecia uma lança apontada. E, sem mexer o braço, ela disse:

— Como se você não soubesse! Como se não soubesse! Sei... Atravessar a fronteira pra onde? Assim você pergunta, é isso que eles também perguntam... Por que você não tomou seu café da manhã?

A pergunta me pegou de surpresa. Virei-me para onde a comida estava, havia duas horas, à espera de um apetite voraz que, no entanto, parecia uma porta fechada para sempre e corroída pela ferrugem da derrota amarga, com gosto de humilhação... Umm Saad voltou a bater àquela porta uma segunda vez:

— Por que você não tomou seu café da manhã? Eu também não tomei o meu, tava esperando al-

guma coisa abrir meu apetite, não só pra comer, mas também pra viver... Você acredita? Só uma coisa faria isso: o Saad.

Calou-se por um tempo e, depois, como a sussurrar para si mesma, disse:

— Sabe... se o Saad voltar esta noite, se ele voltar pra casa, eu não vou conseguir comer... Você entende agora por que ele precisa atravessar a fronteira?

Seu braço voltou a apontar para aquela fronteira e a dar voltas por cima da escrivaninha, da cadeira, das crianças, de minha mulher, do prato de comida, de mim. Depois, permaneceu esticado e apontado para mim, como se fosse uma ponte ou uma barreira. Ela me perguntou:

— E você? O que vai fazer, primo? Vinte anos se passaram. Ontem de noite eu lembrei de você enquanto diziam que a guerra tinha acabado e disse pra mim mesma: Preciso visitar o primo. O Saad, se estivesse aqui, ia me dizer: Agora é a vez dele de visitar a gente aqui... Será que você vai fazer isso?

Ela não esperou minha resposta. Foi para a sala, pegou o galho de parreira que estava em cima da mesa e começou a olhá-lo como se o visse, naquele instante, pela primeira vez.

Andou devagar até a porta da frente e disse:

— Vou plantar, você vai ver como vai dar uva. Eu já te disse que a parreira não precisa de água, que ela espreme os grânulos no fundo da terra pra beber?

Enquanto caminhava pelo corredor, ela parecia uma coisa soberba, alta, como sempre me pareceu. Não sei por que comecei a pensar no prefeito que tentava tirar o filho dela da prisão e então lhe perguntei:

— E o prefeito? Ele falou como vai livrar o Saad da prisão?

Do fim do corredor, ela se virou para mim e, parada assim na frente da porta aberta, parecia um titã que entrava com a luz do sol. Eu não via seu rosto com nitidez, mas a ouvi dizer:

— Você ainda tá pensando no prefeito?

— Não falei?!

Foi a primeira coisa que ela disse na manhã seguinte. Havia chegado cedo, como de costume, e eu tinha dormido tarde. Mas Umm Saad não esperou, surpreendeu-me ainda na cama:

— Eu não te disse pra não pensar no prefeito? Sabe o que aconteceu? Ele quis pegar de cada um deles uma assinatura num papel, de que se comprometiam a ser ordeiros. Mas eles se recusaram e mandaram ele embora.

— Eles quem?

— O Saad e os companheiros. O prefeito me disse que riram na cara dele e que o Saad perguntou pra ele: Ah, é? E o que significa ser ordeiro? O prefeito me disse que estavam espremidos numa cela, que começaram a rir dele, e que um deles, que o prefeito não conhece, provocou: Ser ordeiro

significa ser bem-comportado? E um outro perguntou: Significa levar uma bofetada e dizer muito obrigado? E que o Saad disse: Ser ordeiro, querido, pra nós significa lutar: assim, ó, tá vendo? Assim...

Umm Saad cintilava com uma felicidade enigmática. Sentou-se na cadeira e continuou:

— Deus proteja todos eles! O prefeito me contava a história e eu ria por dentro. No fim, eu disse pra ele: Ainda bem que não te bateram, dê graças a Deus por ter saído ileso! Ele ficou zangado.

— Eles se recusaram a assinar o papel?

— Claro que recusaram. Disseram pro prefeito: Já era. Ele ficou bravo, ainda mais quando perguntou pra eles se queriam alguma coisa do acampamento. O Saad respondeu: Dá um oi lá pras famílias, meu filho. Ficou bravo porque ele é bem mais velho do que o Saad, que tem a idade do filho dele. Disse que o Saad faltou com o respeito quando falou “meu filho”, como se o prefeito fosse uma criança...

— E você, o que disse a ele?

— Disse que o Saad tem o coração puro e que, quando falou “meu filho”, não quis ofender; o que ele queria era dizer que essa era a vez dele...

— Ô, Umm Saad! Você quis enfeitar o olho, mas acabou borrando.

— Eu? Falei aquilo de propósito!

— E agora, o que o Saad vai fazer? Não seria melhor que ele saísse da prisão?

Ela parou, me olhou, dando aquele sorriso com o canto dos lábios, e disse:

— Bom! Você não tá preso, e o que faz?

Os jornais estavam no chão; o rádio, ligado desde a noite anterior, começou a transmitir o noticiário. Umm Saad olhava ora para mim, ora para o rádio. Seu olhar, nesse trajeto, parecia estender entre nós barras de ferro que minhas mãos não podiam remover. Então ela falou:

— Você acha que não vivemos na prisão? E o que a gente faz ali no acampamento a não ser andar dentro daquela prisão estranha? Existem muitas formas de prisão, primo! Muitas! O acampamento é uma prisão, sua casa é uma prisão, o jornal é uma prisão, o rádio é uma prisão, o ônibus, as ruas, os olhos das pessoas... Nossa vida é uma prisão, os últimos vinte anos são uma prisão, o prefeito é uma prisão... Você fala de prisões? Toda a sua vida você está preso... Você se ilude, primo, com as barras dessa prisão em que vive, pensando que são vasos de flor. Prisão, prisão, prisão. Você mesmo é uma prisão... Por que vocês acham que é o Saad que tá preso? Preso porque não assinou um papel que diz que ele deve ser ordeiro? Quem de vocês é ordeiro? Vocês todos assinaram esse papel, de um jeito ou de outro assinaram, mas estão presos...

Levantei-me, ela tremia. Sem dúvida, essa era a primeira vez que eu a via tomada por uma raiva como aquela. Eu lhe disse:

— Acalme-se, Umm Saad. Não tive nenhuma intenção...

E ela, com calma:

— Cada um diz, agora, “não tive nenhuma intenção...”. Então por que acontece tudo o que acontece? Por quê? Por que não deixam o caminho livre pra quem tem intenção? Por que você não tem nenhuma intenção?

Aproximou-se de mim.

— Escute... Eu sei que o Saad vai sair da prisão. A prisão toda! Entende?